

**Resumo 1.08**

**Gradientes ambientais em bordas criadas por fogo em floresta atlântica**

Pavel Dodonov<sup>1,2</sup>; Gustavo Menezes<sup>2,3,4</sup>; Janaíne Rocha<sup>2,4</sup>; Bianca Caitano<sup>4</sup>; Daniela Talora<sup>2</sup>; Marcelo Mielke<sup>2</sup>; Eliana Cazetta<sup>2</sup>

1 – Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia.

2 – Laboratório de Ecologia Aplicada à Conservação, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz.

3 – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

4 – Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Estadual de Santa Cruz.

E-mail para correspondência: pdodonov@gmail.com

Incêndios florestais são ameaças crescentes em florestas tropicais úmidas. Nestas, os incêndios resultam, sobretudo, de causas antrópicas. Visando entender melhor os impactos de incêndios florestais antrópicos na floresta atlântica foram realizados estudos em fragmentos florestais atingidos por incêndios no Refúgio de Vida Silvestre de Una, no sul da Bahia. Delimitou-se transecções perpendiculares à borda entre a floresta e a área queimada, com coletas na borda e em diferentes distâncias até 180 m de cada lado da borda. Nessas transecções, avaliou-se, entre um e dois anos após os incêndios, as variáveis relacionadas a: microclima (temperatura do ar e do solo), estrutura da vegetação (incluindo vegetação lenhosa, herbácea e serapilheira), processos ecológicos (chuva de sementes). Analisou-se os dados por meio de modelos generalizados mistos e por testes de permutação, visando detectar diferenças entre a área queimada e a floresta e os gradientes ambientais representando efeitos de borda. Verificou-se que os efeitos de borda foram pouco pronunciados e, quando detectados, se estenderam até poucos metros para dentro da floresta ou da área queimada. O solo na área queimada atingiu temperaturas mínimas menores e temperaturas máximas maiores do que na floresta, mas a temperatura do ar variou pouco ao longo dos transectos. Detectou-se que o incêndio provocou fortes mudanças na estrutura da vegetação, com intensa mortalidade de árvores, arvoretas e lianas. Assim, a área queimada apresentou menor quantidade e menor área basal de árvores, arvoretas e lianas e menor profundidade de serapilheira, mas maior quantidade e área basal de árvores mortas em pé e de árvores caídas. Além disso, a área queimada foi dominada por *Pteridium arachnoideum*, uma samambaia superdominante e comum em áreas antropizadas e praticamente não foi encontrada na floresta. Em relação à chuva de sementes, a área queimada recebeu quantidade menor de sementes, as quais eram em média mais leves e menores do que na floresta. O número de espécies observadas na chuva de sementes também foi menor na área queimada do que na floresta, tanto as sementes zoocóricas quanto as não-zoocóricas. Essas diferenças entre a floresta e a área queimada, no entanto, parecem ser abruptas, já que praticamente não observou-se efeitos de borda seja da área queimada sobre a floresta, seja da floresta sobre a área queimada. Os impactos observados, incluindo a maior variação na temperatura do solo e a redução na chuva de sementes, podem dificultar processos ecológicos relacionados à regeneração na área queimada. Essa dificuldade provavelmente é aumentada pela estrutura da vegetação na área queimada, com poucas árvores remanescentes e a cobertura quase contínua de *P. arachnoideum*. Tais resultados são importantes na compreensão da gravidade dos impactos de incêndios na floresta atlântica, especificamente, e em outras florestas tropicais em geral, e podem auxiliar a definir estratégias de restauração após estes impactos.

**Palavras-chave:** chuva de sementes; efeitos de borda; estrutura da vegetação; microclima; espécies invasoras.  
(PROPP-UESC; FAPESB; CAPES; CNPq)